



## **Bullying na Escola: brincadeira ou agressão?<sup>1</sup>**

### ***Bullying at School: play or aggression?***

**Maria Marciana Lima Soares**

Universidade Estadual do Ceará, <https://orcid.org/0000-0003-0310-9821>,  
[marciana.soares05@gmail.com](mailto:marciana.soares05@gmail.com)

**Mayara Setúbal Oliveira Araújo**

Universidade Estadual do Ceará, <https://orcid.org/0000-0003-4777-1518>,  
[mayara.araujo@uece.br](mailto:mayara.araujo@uece.br)

**Germana Costa Paixão**

Universidade Estadual do Ceará, <https://orcid.org/0000-0003-3232-8863>,  
[germana.paixão@uece.br](mailto:germana.paixão@uece.br)

**Francisco Leustene dos Santos Vieira**

Universidade Estadual do Ceará, <https://orcid.org/0000-0002-6542-4715>,  
[leo.vieira@uece.br](mailto:leo.vieira@uece.br)

**Yasmim Maia Ferreira**

Universidade Estadual do Ceará, <https://orcid.org/0000-0001-5481-5289>,  
[yasmim.maia@ymail.com](mailto:yasmim.maia@ymail.com)

### **Resumo**

O presente trabalho buscou promover o esclarecimento sobre o *bullying* e os danos físicos e/ou morais que podem ser causados às vítimas dessa prática, apresentando a diferença entre brincadeira e agressão, além de buscar um diagnóstico através das experiências individuais e coletivas analisadas através de questionários. Diante dessa problemática, realizou-se um estudo de caso em uma escola do Ensino Médio, com alunos do sexo masculino e feminino, com faixa etária de 15 a 17 anos, com permissão concedida pela direção da escola e pelos pais através do

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001



termo de concordância, destacando as práticas de *bullying* vivenciadas pela escola e, com os resultados obtidos, foram propostas ações de controle e combate ao *bullying*, para os pontos encontrados como, rodas de conversas, parcerias com profissionais especializados (psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais), parcerias com conselho tutelar e promotorias públicas, além de oferecer suporte aos agressores e as famílias dos envolvidos.

**Palavras-chave:** Comportamento escolar. Violência. Intervenções. *Bullying*.

## Abstract

The present work sought to promote clarification about bullying and the physical and / or moral damages that can be caused to the victims of this practice, presenting the difference between play and aggression, in addition to seeking a diagnosis through individual and collective experiences analyzed through questionnaires. In view of this problem, a case study was carried out in a high school, with male and female students, aged between 15 and 17 years, with permission granted by the school management and parents through the term of agreement. The bullying practices experienced by the school and, with the results obtained, actions to control and combat bullying were proposed, for the points found such as, rounds of conversations, partnerships with specialized professionals (psychologists, psychiatrists, social workers), partnerships with tutelary council and public prosecutors, in addition to offering support to the aggressors and the families of those involved.

**Keywords:** School behavior. Violence. Interventions.

## 1 Introdução

Visto como uma forma de violência, o *bullying* vem crescendo bastante nos ambientes escolares, no qual envolve intencionalidade de comportamento, como a ocorrência de agressões sempre com as mesmas características, havendo desequilíbrio de força e poder com as vítimas. Essas ações negativas podem ser verbais, físicas ou sociais (CARVALHOSA; MOLEIRO; SALES, 2009). Essas atitudes ocorrem dentro e fora do ambiente escolar, e se inicia com a indisciplina. Em presença de tais situações problemáticas é necessário buscar realizar ações que ajudem a combater este quadro. Como exemplo para estas ações temos o desenvolvimento de políticas de qualidade relacionadas ao *bullying*, regras disciplinares dentro e fora da sala de aula, e parcerias com forças de lei voltadas para a saúde mental, visando identificar e tratar os casos de *bullying* (BARBOSA *et.al.*, 2018).

Diante dessa realidade, devemos refletir os pontos que levam crianças, adolescentes e jovens, a cometerem reações desse tipo, uma vez que com somente indagações é possível buscar alguma solução a respeito desses comportamentos. Para isso, deve-se questionar: seria algum transtorno psicológico? Ou trata-se de um



desequilíbrio emocional? Para se chegar às respostas de tais questionamentos é necessário investigar melhor os reais motivos por trás destas ações. A esses comportamentos que não são tão explícitos, conhecemos por *bullying*. (SILVA *et al.*, 2019). Conforme apontado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2019, o Brasil foi o país mais propício às condutas agressivas (10%), estando acima da média internacional (3%) (INEP, 2015), sendo considerado um problema de saúde pública. Segundo Marcolino *et al.* (2018) o *bullying* é considerado um problema complexo que ocorre em diferentes contextos e suas origens são diversas, especialmente na escola, multidimensional e relacional, que demanda investimentos científicos e políticos para a ampliação do foco em questão, tendo em vista se caracterizar como um objeto de investigação.

No ambiente escolar é bastante comum se observar a prática do *bullying* e devido a isso, este tema deve ser abordado na área educacional. Segundo Alves e Ferreira (2019), a escola pode influenciar, seja de forma positiva ou negativa, às pessoas. Quando positivo, essas atitudes intervêm nos atos de *bullying*, buscando conscientização no ambiente escolar. Quando negativa, baseia-se na negligência dessas intervenções escolares aumentando cada vez mais o adoecimento do sujeito.

Diante desse cenário é de fundamental importância que se realizem pesquisas que permitam definir sua incidência, suas possíveis causas, conhecer as situações que ocorrem com mais frequência nas escolas e as intervenções que podem ser feitas nesses casos. Essas informações podem auxiliar no enfrentamento desse problema que tanto afeta alunos de todas as idades, bem como impulsionar a comunidade escolar, assim como os pais, a buscarem ações educativas eficientes no combate ao *bullying*.

Não podemos esquecer de citar o cenário da tecnologia, no qual a violência moral não se limita mais ao espaço físico. Dessa forma, o *bullying* tradicional, frequentemente praticado nas escolas, também ganha o ambiente virtual na forma de *cyberbullying* (RONDINA; MOURA; CARVALHO, 2016). Praticado de forma intencional, assim como o *bullying* tradicional, possui uma sensação maior de liberdade quanto as agressões por se tratar de um ambiente virtual, onde tudo acontece através de mensagens enviadas por meios eletrônicos.

Contudo, devemos considerar que não somente o ambiente escolar, mas também a família, devem ser responsáveis pelo correto desenvolvimento e formação do



caráter do indivíduo, pois dela partem os valores, como respeito, honestidade, tolerância e dignidade. Muitas vezes os familiares se apresentam negligentes em exercer este papel. Oliveira *et al.* (2017), considera o papel dos pais e do grupo familiar como algo que deve ser valorizado ao ser investigado sobre o desenvolvimento e prevenção do *bullying*, e o quanto eles podem contribuir para o comportamento do agressor e das vítimas. Portanto, é de fundamental importância a participação efetiva da família no ambiente escolar para combater e buscar soluções voltadas ao *bullying*.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi promover o esclarecimento sobre o *bullying* e os danos físicos e/ou morais que podem ser causados às vítimas dessa prática, apresentando a diferença entre brincadeira e agressão, além de buscar um diagnóstico através das experiências individuais e coletivas analisadas através de questionários. Com os resultados, foram desenvolvidas ações educativas voltadas para o enfrentamento desse fenômeno.

## 2 Metodologia

A pesquisa classificou-se como estudo de caso, onde segundo Ventura (2007), essa modalidade de pesquisa apresenta metodologias de estudo de interesses individuais, visando a investigação de casos específicos, delimitando tempo e lugar, para uma melhor exploração de informações. Apresenta também caráter qualitativo, onde segundo Dias (2000), aborda vários fenômenos de diferentes maneiras, dentre elas, a análise de experiências de indivíduos ou grupos, examinando as interações através de documentações.

As coletas de dados foram realizadas através de levantamentos técnicos, como: utilização de questionário online (uso do google formulário). Os sujeitos da pesquisa foram alunos da 1º série do Ensino Médio de ambos os sexos da Escola de Ensino Médio de Tempo Integral de Mineirolândia. A partir dos resultados obtidos, houve uma roda de discussão no qual foi debatido intervenções, como introduzir momentos de pesquisas e rodas de conversas, como também acompanhamento do conselho tutelar e apoio as vítimas de *bullying* para controle e combate desta violência, através da plataforma *Google meet*.



### 3 Resultados e Discussão

Para um melhor entendimento desse estudo foi realizado uma pesquisa nos dias 06, 07 e 08 de outubro de 2020, em uma escola de tempo integral do ensino médio localizada no distrito de Mineirolândia – Pedra Branca – Ceará, com alunos da 1º série do Ensino Médio de ambos os sexos, com idade entre 15 a 17 anos. A pesquisa teve como objetivo identificar os casos de bullying ocorridos dentro do ambiente escolar, através da participação dos alunos, trazendo assim esclarecimentos e ações que solucionem e combatam essa categoria de violência escolar.

Foi perguntado aos 26 participantes da pesquisa se eles já foram vítimas que sofreram ou presenciaram o bullying. Dos entrevistados, 73% relataram que sofreram ou presenciaram algum tipo de *bullying*, enquanto 26,9% disseram que não viram. Tais resultados demonstram o alto grau de violência que acontece nos ambientes escolares. Neto (2005, p. 164) ser importante:

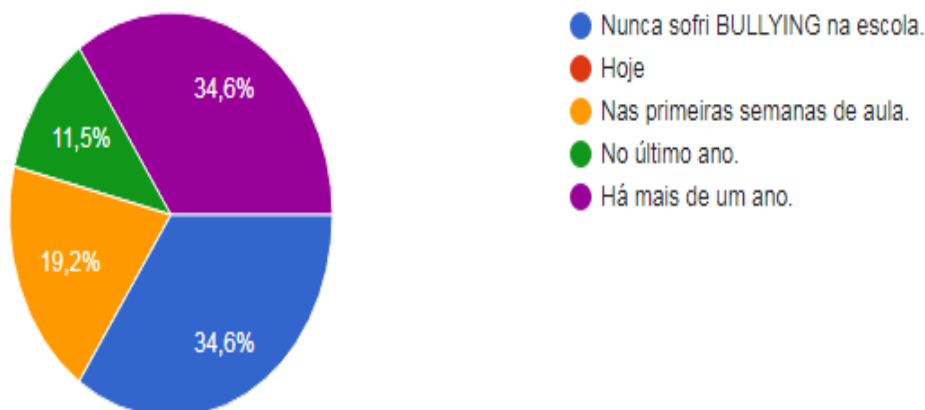
Alertar a escola sobre a alta prevalência da prática de bullying entre estudantes, conscientizando-os da importância de sua atuação na prevenção, diagnóstico e tratamento dos possíveis danos à saúde e ao desenvolvimento de crianças e adolescentes, além da necessidade em orientar as famílias e a sociedade para o enfrentamento da forma mais frequente de violência juvenil.

É de fundamental importância o conhecimento das práticas de violência que ocorrem na escola, para tentar minimizar os índices destes atos. Na figura 1 é possível observar o período em que essas vítimas sofreram bullying, no qual 34,6% disseram nunca ter sofrido *bullying* e 34,6% afirmaram ter sofrido a mais de um ano. O restante (19,2%) disse que sofreram nas primeiras semanas de aula, enquanto 11,5% afirmaram que foram vítimas no último ano. Dessa forma, é notório o quanto é difícil diagnosticar ou detectar a presença de *bullying* nas escolas (PEREIRA, 2014).

Malta *et al.* (2009) acrescentam que a comunidade escolar tem levantado verificações em relação aos casos de violência, em razão à missão educativa da escola, mas também pelas consequências que o *bullying* a longo prazo podem gerar.



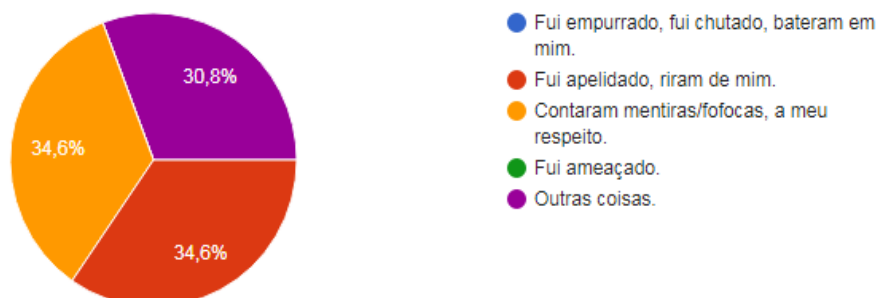
**Figura 1. Última vez que sofreu ou presenciou o *bullying*.**



**Fonte: Elaborado pelo autor.**

Em seguida foi questionado que tipo de *bullying* os participantes haviam sofrido (figura 2), e a maioria deles (34,6%) afirmaram ter sido apelidado e alvo de risadas, além de ter sido centro de fofocas (34,6%), o que gera reações traumáticas e desagradáveis ao estudante. As formas de *bullying* podem acontecer de forma direta ou indireta, no qual raramente a vítima recebe apenas um tipo de agressão, sempre costumam vir em bando, acompanhados de comportamentos maldosos que contribuem para a exclusão social da vítima, evasão escolar e vários outros sintomas psicossomáticos (SILVA, 2009), além de comprometer o rendimento escolar das vítimas acarretando a queda de seu desempenho.

**Figura 2: Tipos de *bullying* ocorridos.**

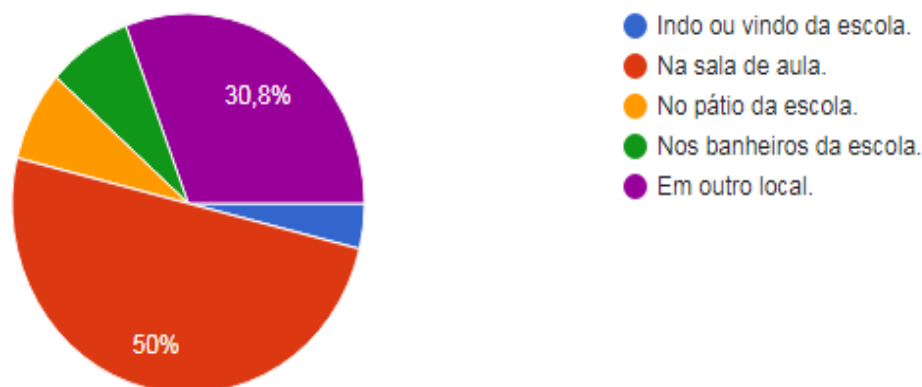


**Fonte: Elaborado pelo autor.**



Quando questionado sobre os lugares em que mais acontece a prática do *bullying* no ambiente escolar (figura 3), 50% dos estudantes entrevistados afirmaram ter sido em sala de aula, e 30% em outros locais da escola, que não fossem banheiro, pátio ou mesmo a caminho da escola. Segundo Levandoski (2009, p. 26), alguns dados mostram a grande quantidade de ocorrências de atos violentos na escola, o que é preocupante, tanto na visão dos alunos, quanto na dos professores e membros da equipe pedagógica destas. Não há locais específicos para essas ocorrências, basta haver a vítima e o agressor para que o *bullying* aconteça; algumas vezes na presença de demais pessoas, outras em ambientes solitários.

**Figura 3: Locais onde ocorrem o *bullying*.**

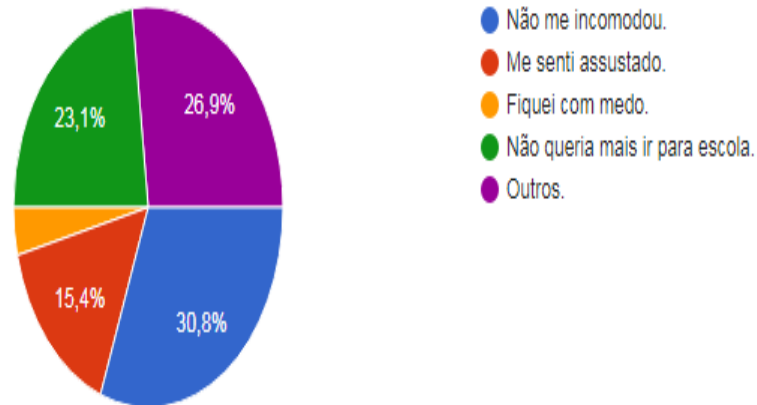


**Fonte: Elaborado pelo próprio autor.**

Quando questionados sobre como se sentiram ao passarem por alguma situação de *bullying* (figura 4), 30% não se incomodaram, enquanto 23% não queriam mais ir á escola, 15% ficaram assustados e 26,9% sentiram outras sensações de incômodo, mas que não relataram em suas respostas. Outros tiveram sensações diferentes e únicas, o que demonstra que, de alguma forma, essa violência gerou conflito pessoal.



**Figura 4: Sentimentos de quem sofreu *bullying* na escola.**



**Fonte: Elaborado pelo autor.**

Ao se deparar com certas situações de violências, como o *bullying*, as vítimas reagem de diversas maneiras, gerando fugas e desequilíbrios que provocam consequências para a vida toda, algumas delas irreversíveis. Segundo os autores Oliveira e Antônio (2017):

*O bullying é um fenômeno devastador podendo vir a afetar a autoestima e a saúde mental dos adolescentes. Geralmente ocorre quando o adolescente é mais suscetível ou vulnerável às agressões verbais ou morais que lhes causam angústia e dor, principalmente quando ocorrido em ambiente escolar traduzindo-se como uma forma de exclusão social. Pode desencadear alguns problemas de saúde tais como a anorexia, bulimia, depressão, ansiedade e até mesmo o suicídio. (OLIVEIRA; ANTÔNIO, p. 1553, 2017).*

Conforme dito pelos autores, o *bullying* pode gerar graves problemas e se não diagnosticado com antecedência, tais ações podem chegar a tirar vidas. No entanto, em muitos casos ainda se é visto como uma simples brincadeira, não sendo considerado algo sério e que requer atenção, uma vez que podem ser geradas grandes consequências para vítima.

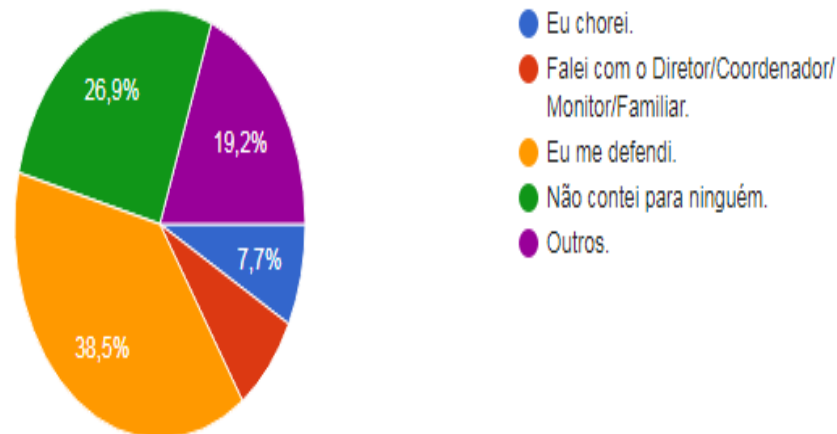
Na figura 5, podemos observar as reações dos alunos que sofreram *bullying*, no qual 38% afirmaram que se defenderam de alguma forma, enquanto outros 26,9% não contaram para ninguém sobre o ocorrido, e 7,7% choraram. As vítimas do *bullying* demonstram comportamentos característicos, como de crises de ansiedade, isolamento





social, automutilação, depressão e em casos extremos, pode levar ao suicídio ou até homicídio (GILSON *et.al.*, 2019, p. 03).

**Figura 5: Reações de quem sofreu *bullying* na escola.**



**Fonte: Elaborado pelo autor.**

As figuras 6 e 7 demonstram os resultados a respeito do apoio de professores e alunos, respectivamente, para as vítimas do *bullying*. Em relação aos professores, 46,2% disseram que não ajudaram por não saber do ocorrido. Para os alunos, a maioria (34,6%) assinalou a opção “outros”. A prática do *bullying*, na maioria das vezes, é uma forma de violência que dificilmente ocorre diante de testemunhas, por isso é difícil sua identificação (BARBOSA *et.al.*, 2018, p. 02)

Devido a isso, a maioria das vítimas se tornam passivos diante do ocorrido e isolam-se ao invés de comunicar a alguém.

**Figura 6: Apoio dos professores ao relatar que sofreu *bullying* na escola.**



Fonte: Elaborado pelo autor.

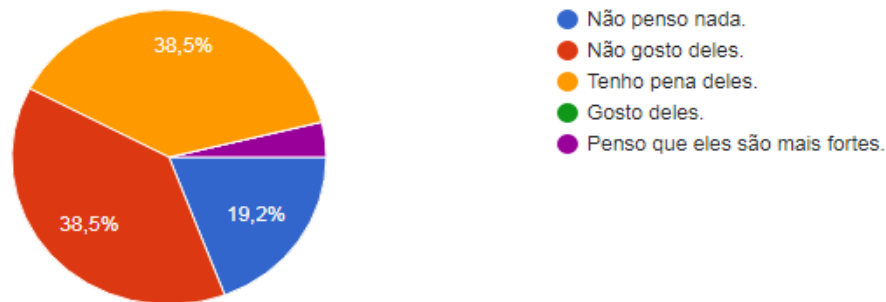
Figura 7: Apoio dos colegas ao relatar que sofreu *bullying* na escola



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em se tratando da reação que as vítimas do *bullying* apresentam, na presente pesquisa foi possível observar que 38,5% não gostam dos agressores e 38,5% tem pena deles, já 19,2% não pensam nada a respeito e 3,8% consideram os agressores mais fortes. A maneira como acontece as reações em relação às agressões ocorre de forma distinta entre as faixas etárias (LEMOS *et al.*, 2019). Ao analisarmos a figura que avalia o que cada aluno pensa a respeito de quem pratica o *bullying*, podemos observar que na faixa etária dos discentes que participaram da presente pesquisa, a maioria (38,5%) tem pena ou não gosta de quem comete tal violência, como podemos observar no gráfico 08.

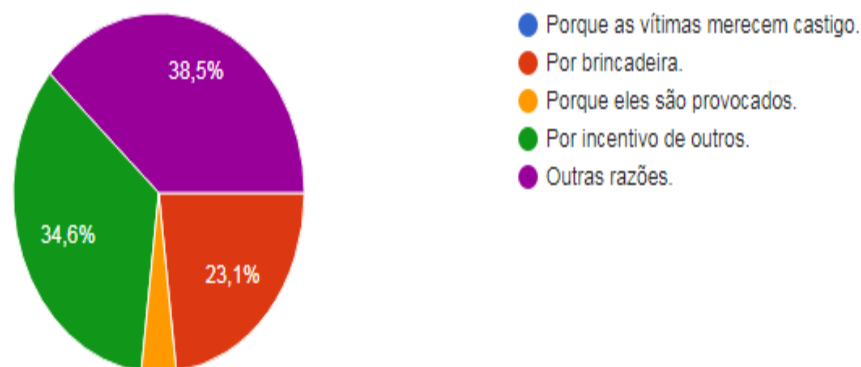
Figura 8: Reação de quem foi vítima do *bullying*.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando questionados sobre o porquê de os agressores praticarem o *bullying* (figura 9), a maioria considerou existirem outras razões (38,5%) além das citadas nas perguntas. Outros afirmaram que foi devido ao incentivo dos colegas (34,6%). Segundo Reis *et al.* (2016, p. 03) destacam que essas atitudes geralmente são propositais, não havendo motivo ou justificativa alguma. Isso leva a observar o quanto é importante buscar intervenções voltadas para as causas reais que geram o *bullying*.

Figura 9: Porque alguns colegas fazem *bullying* contra outros.



Fonte: Elaborado pelo autor.

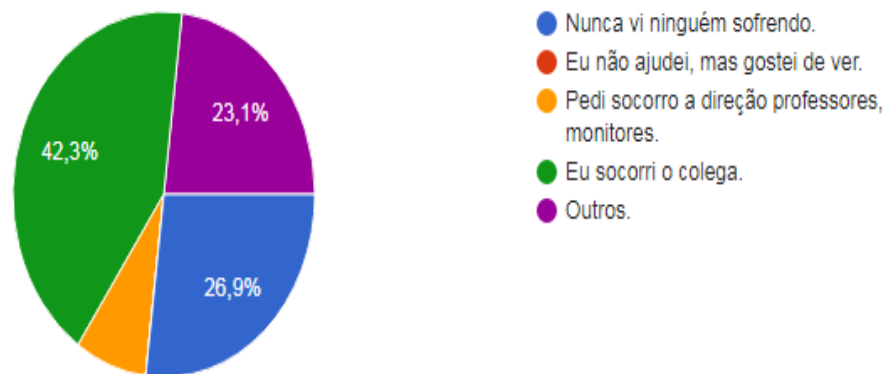
É importante salientar que para toda ação de *bullying* e até mesmo aquelas brincadeiras mais violentas, devem ser realizadas intervenções adequadas e imediatas (Reis *et al.*, 2016).

Foi questionado o que eles fariam ao ver alguém sofrendo *bullying* (figura



10), na qual a grande maioria afirmou que socorreu ao colega (42,3%), os 26,9% não viram esse tipo de violência, 23,1% reagiram de outra maneira, avisando a um colega, aos pais e/ou familiar, e 7,7% pediu socorro à direção, professores e monitores. Nessas situações em que se é apenas expectador, também é necessário haver a interferência para tentar minimizar as consequências que essa violência provoca nas vítimas.

**Figura 10: O que você fez ao ver um colega sofrer *bullying*.**



**Fonte: Elaborado pelo autor.**

De acordo com Silva (2009) o *bullying* pode sim, ser identificado, combatido e enfrentado por todos, basta quererem mudar essa realidade. Para isso, faz-se necessário esclarecimento e intervenção sobre tal assunto, para assim modificar os números desse quadro de violência. Na figura 11, que traz o questionamento “de quem é a culpa do *bullying* continuar acontecendo”, 50% dos entrevistados acreditam ser dos outros alunos que assistem e não fazem nada, enquanto 38,5% de quem agride. O restante pensa que pode ser dos pais dos agressores ou de quem é vítima.

**Figura 11: De quem é a culpa do *bullying* continuar acontecendo.**



Fonte: Elaborado pelo autor.

Após a pesquisa, foi abordado, através de um momento de roda de conversa via *Google meet*, com alunos, professores e gestores, intervenções que poderiam e deveriam ser adotadas na escola visando minimizar esses casos de *bullying*. É importante salientar, que infelizmente, a roda de conversa teve baixa participação dos alunos, o que não permitiu um maior aproveitamento dos resultados obtidos. Apesar disso, com o que foi discutido com os participantes, pôde-se concluir que, para se chegar a combater os atos de *bullying* no ambiente escolar, é preciso contar com a ajuda de profissionais especializados, adotar parcerias com o Conselho Tutelar, Promotorias Públicas, entre outros. Além disso, é necessário traçar metas para o combate da prática desta atitude na escola, havendo sempre rodas de conversas para debates e soluções novas a respeito do assunto.

#### 4 Considerações Finais

Com a realização da presente pesquisa, foi possível identificar que acontecem casos de *bullying* na escola investigada, e diante do observado foi possível traçar uma intervenção através de um momento de roda de conversa via *google meet*, com alunos, professores e gestores. Tais projetos de intervenções poderiam e deveriam ser adotados por este ambiente escolar com intuito minimizar esses casos.

Reconhecer a existência do *bullying* é o primeiro passo para que sejam tomadas as medidas cabíveis, e que sejam traçadas metas para o combate da prática



destes atos no ambiente escolar. Além disso, a realização de oficinas que tratam desta temática, demonstrando dados estatísticos e como evitar tais práticas é outro passo a ser seguido. O corpo gestor escolar, ao deparar-se com casos persistentes de *bullying*, deve procurar ajuda de profissionais especializados como pediatras, psicólogos, psiquiatras e assistentes sociais, para auxiliar com esses casos. Além disso, pode-se buscar adotar parcerias com o Conselho Tutelar, Promotorias Públicas, entre outras.

Se faz necessário também que haja o acolhimento dos agressores, explicar que esse tipo de atitude é cruel e traz sérias consequências, juntamente a família destes, pois a família tem um papel especial para gerar bons resultados.

## Referências

ALVES, G. L; FERREIRA, R. M. O bullying no ambiente escolar. **Revista Saúde e Meio Ambiente**, v. 9, n. 3, p. 82-96, 2019.

BARBOSA, A. A. D; SOARES, M. S; PEREIRA, J. M. Características associadas a vítimas de bullying nas escolas brasileiras. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 15, n. 2, p. 791-799, 2018.

BERNARDINI, C. H; MAIA, H. **Bullying escolar**: uma análise do discurso de professores. *Polêm!ca*, v. 9, n. 2, p. 99-104, 2010.

CARVALHOSA, S. F; MOLEIRO, C. S. C. A situação do bullying nas escolas portuguesas. **Interacções**, v. 5, n. 13, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. (2019). **Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem revela impacto do bullying nas escolas**. (INEP). Recuperado de [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pesquisa-internacional-sobre-ensino-eaprendizagem-revela-impacto-do-bullying-nas-escolas/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pesquisa-internacional-sobre-ensino-eaprendizagem-revela-impacto-do-bullying-nas-escolas/21206).

LEMOS, A; COLLEN, N. L; SINIS, N. E; TEIXEIRA, M; DE CARVALHO, J. V. A. C; DE MORAES A. R. M; MENDES, A. A. **A LEI DO BULLYING**: Instruindo jovens e adolescentes no combate ao bullying nas escolas. *Anais do Seminário Científico do UNIFACIG*, n. 4, 2019.

LEVANDOSKI, G. **Análise de fatores associados ao comportamento bullying no ambiente escolar**: Características cineantropométricas e psicossociais. 2010.

MARANGONI, P. H. S. D; VERISSIMO, D. S. Intencionalidade e comportamento: a percepção vivente em Merleau-Ponty. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 24, n.



1, p. 75-83, abr. 2018 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672018000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000100009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 17 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n1.8>.

MARCOLINO, E. D. C; CAVALCANTI, A. L; PADILHA, W. W. N; MIRANDA, F. A. N. D; CLEMENTINO, F. D. S. **Bullying**: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 27, n. 1, 2018.

OLIVEIRA, W. A. D.; SILVA, J. L. D. ; SAMPAIO, J. M. C. ; SILVA, M. A. I. Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e bullying. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, p. 1553-1564, 2017.

REIS, A. P. A; FRANCISCATTO, L. A; SILVA, P. A. M. L; SIMÕES, V. A. P; Nogueira, M. D. C. O. As consequências do bullying nas escolas e o papel fundamental da comunidade escolar para intervir e solucionar esse problema. *Educere-Revista da Educação da UNIPAR*, v. 16, n. 1, 2016.

RONDINA, J. M ; MOURA, J. L. ; CARVALHO, M. D. de. Cyberbullying : o complexo bullying da era digital. *Revista Saúde Digital Tecnologia e Educação*. Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 20-41, jan./jul. 2016.

SILVA, G. P; SILVA, G. P; FERNANDES, R. M; JUNIOR, J. G. M. Bullying e violência no ambiente escolar: uma revisão de literatura no período de 2015-2019. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 11, n. 13, p. e860-e860, 2019.

UNESCO, Violência na Escola: América Latina e Caribe. In: ABRAMOVAY, Miriam. **Enfrentando a violência na escola**: Um enfoque do Brasil. p. 89- 150. Brasília, 2003.